

MERCADO FINANCEIRO

Bitcoin entra em queda livre

Criptomoeda acumula baixa de 28% no ano. Analistas apontam “efeito manada” e aversão a riscos nos mercados globais

» PEDRO JOSÉ*

Bitcoin registrou queda acentuada ontem e passou a ser negociado abaixo de US\$ 70 mil pela primeira vez desde a eleição de Donald Trump, em novembro de 2024. Por volta das 16h, a criptomoeda era cotada a US\$ 66.037, com recuo de 10,48% no dia. Mais cedo, às 9h, o ativo já operava em baixa de 3,26%, a US\$ 70.256.

Segundo o economista e sócio da Valor Investimentos, Davi Lelis, a queda se intensificou após o rompimento de um patamar considerado relevante pelo mercado. “O Bitcoin está caindo quase 10% no dia de hoje, quase 28% no ano de 2026 e, desde as máximas, já acumula uma queda próxima de 50%”, afirmou. De acordo com ele, a perda desse nível de preço alterou o posicionamento dos investidores e contribuiu para a aceleração das vendas.

O movimento acompanha a reavaliação das projeções de corte de juros nos Estados Unidos. A percepção de que o Federal Reserve pode manter uma política monetária restritiva por mais tempo tem pressionado ações de tecnologia, criptomoedas e outros ativos sensíveis ao custo do capital.

Entre esses fatores apontados, está a frustração com a política dos Estados Unidos em relação às criptomoedas. Lelis afirmou que parte do mercado esperava compras diretas por parte do governo norte-americano após o anúncio de uma reserva estratégica envolvendo ativos digitais.

“As pessoas compraram no boato e venderam no fato. O mercado foi surpreendido ao ver que o governo estava confiscando reservas, e não comprando, o que frustrou expectativas e levou à venda de ETFs (fundos de investimento negociados na bolsa de valores que buscam replicar o desempenho de um índice de referência) lastreados em Bitcoin”, disse.

Nos últimos dias, o gestor

Reprodução/Freeplik



Investidores, como Michael Burry, que previu a crise imobiliária de 2008, temem que o bitcoin enfrente um espiral de desvalorização



Houve uma fuga global para ativos considerados mais seguros, e o Bitcoin acabou sendo arrastado por esse fluxo”

Davi Lelis, sócio da Valor Investimentos

Michael Burry, conhecido por antecipar a crise imobiliária de 2008, afirmou que o bitcoin pode enfrentar um cenário de “death spiral”, termo usado para descrever uma espiral de desvalorização associada a ativos altamente alavancados e dependentes de confiança.

A queda recente da criptomoeda ocorre em um contexto de maior aversão ao risco nos mercados globais. Investidores vêm reduzindo a exposição a ativos voláteis diante da expectativa de juros elevados por um período prolongado, dólar fortalecido e menor liquidez internacional.

Outro elemento citado foi a

mudança nas expectativas sobre a política monetária dos Estados Unidos. Segundo Davi Lelis, a possível indicação de Kevin Warsh para a presidência do Federal Reserve reforçou a perspectiva de cortes de juros acompanhados de aperto de liquidez. “Mesmo com cortes, a sinalização de quantitative tightening reduz a liquidez disponível, o que pressiona ativos de risco, como o Bitcoin”, afirmou.

O movimento de aversão ao risco também foi ampliado pela queda das ações de grandes empresas de tecnologia. De acordo com Lelis, dados de emprego mais fracos nos Estados Unidos e revisões sobre o

impacto da inteligência artificial provocaram correções no setor, incentivando a migração de recursos para títulos do Tesouro americano. “Houve uma fuga global para ativos considerados mais seguros, e o Bitcoin acabou sendo arrastado por esse fluxo”, avaliou.

Além dos fatores macroeconômicos, o economista destacou elementos técnicos. “Existe um efeito manada muito forte, com investidores vendendo porque outros estão vendendo, e também a liquidação de posições alavancadas”, afirmou. Segundo ele, a combinação de alavancagem elevada e alta volatilidade contribuiu para

uma sequência de liquidações automáticas, intensificando a queda observada ao longo do dia.

Sobre o futuro do bitcoin, a moeda opera em um intervalo considerado de suporte entre US\$ 65 mil e US\$ 70 mil, segundo Lelis. De acordo com ele, o mercado trabalha com pontos de convergência de preço, nos quais investidores concentram decisões de compra e venda, e não com previsões exatas de cotação.

Convergências

“Não existe uma previsão exata para o preço. O que existem são pontos de convergência, níveis onde os investidores concordam que o preço é justo e onde ocorrem muitas negociações”, afirmou. Segundo Lelis, caso o sentimento negativo continue, a criptomoeda pode buscar novos patamares, inicialmente em torno de US\$ 43 mil e, em um cenário mais extremo, próximo de US\$ 35 mil.

O economista avalia que esses níveis tendem a concentrar negociações, mas não garantem interrupção da queda. “O preço tende a estacionar nesses níveis devido ao volume de opiniões convergentes de compra e venda, mas não há garantia de que a queda pare ali”, disse.

Na avaliação de longo prazo, Lelis afirma que a atual movimentação não é necessariamente negativa para investidores que veem o bitcoin como reserva de valor. “O ativo já enfrentou quedas maiores no passado e continua se valorizando historicamente”, afirmou.

Segundo ele, a percepção de oportunidade varia conforme a tese do investidor. “Para quem comprou acima dos US\$ 100 mil, o preço atual pode ser visto como uma oportunidade. Para quem não atribui valor ao ativo, nem preços muito menores seriam atrativos”, concluiu.

*Estagiário sob a supervisão de Edla Lula

COMÉRCIO EXTERIOR

Brasil e Rússia discutem parceria

» FERNANDA STRICKLAND

O vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, afirmou ontem que Brasil e Rússia precisam avançar na expansão e na qualificação da cooperação econômica, comercial e tecnológica. A declaração foi feita na abertura da oitava reunião da Comissão Brasileiro-Russa de Alto Nível de Cooperação (CAN), realizada em Brasília.

Segundo Alckmin, o colegiado é “o mais elevado mecanismo de coordenação intergovernamental” entre os dois países e demonstra “a densidade e a estabilidade da relação estratégica” bilateral. Para ele, parcerias sólidas devem se apoiar em interesses estruturais, e não em circunstâncias momentâneas.

O vice-presidente destacou que ambas as nações possuem economias de grande escala, ampla base produtiva, recursos naturais estratégicos e capacidade tecnológica — fatores que criam oportunidades para ampliar e diversificar a cooperação. Ainda assim, avaliou que o intercâmbio atual não reflete todo o potencial da parceria. O comércio bilateral somou cerca de US\$ 11 bilhões em 2025, valor considerado “expressivo”, mas ainda “modesto diante das capacidades produtivas, tecnológicas e logísticas” dos dois países. “O desafio que se impõe é crescer mais, com mais equilíbrio e com maior valor agregado”, afirmou.

Entre as prioridades da agenda, Alckmin citou agronegócio, energia, ciência, tecnologia e inovação, além de infraestrutura, logística e desenvolvimento sustentável. A meta, segundo ele, é promover integração produtiva, estimular

parcerias empresariais e aprofundar a cooperação tecnológica.

O ministro também ressaltou o papel da Comissão Intergovernamental Brasileiro-Russa de Cooperação Econômica, Comercial, Científica e Tecnológica como braço operacional do mecanismo, responsável por transformar convergências políticas em resultados concretos. Ele defendeu ainda o fortalecimento do intercâmbio cultural e educacional e afirmou que a estratégia brasileira de neoindustrialização busca uma indústria “mais verde, mais digital e mais integrada às cadeias globais de valor”.

Alckmin disse ver com “grande interesse” a ampliação de investimentos russos no Brasil — especialmente em química, fertilizantes, energia e infraestrutura — e apontou espaço para maior presença de empresas brasileiras no mercado russo, em áreas como alimentos processados, máquinas, tecnologia agrícola e soluções industriais. Para viabilizar esse avanço, defendeu o fortalecimento dos canais institucionais e a redução de obstáculos logísticos. “A CAN oferece exatamente esse espaço: coordenação, previsibilidade e visão de longo prazo”, declarou, antes de abrir oficialmente a reunião e afirmar confiar em “resultados concretos e duradouros”.

Parceria estratégica

Presidida por Alckmin e pelo primeiro-ministro russo, Mikhail Mishustin, a reunião reafirmou o compromisso dos dois países com o fortalecimento da parceria estratégica, baseada no respeito mútuo e na ampliação de projetos conjuntos. As autoridades destacaram o impulso dado às relações após o

Cadu Gomes/VPR



Durante fórum, Ackmin e o primeiro-ministro da Rússia Mikhail Mishustin destacaram o interesse mútuo

encontro entre os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Vladimir Putin, em 2025, e lembraram que os países se aproximam da celebração de 200 anos de relações diplomáticas, prevista para 2028.

Os governos defenderam a expansão do comércio bilateral com maior diversificação e inclusão de produtos de alto valor agregado, além do aprofundamento do diálogo econômico e financeiro — inclusive no âmbito do Brics — e da cooperação entre bancos centrais e autoridades aduaneiras.

Brasil e Rússia apontaram potencial de cooperação em setores como indústria química, produção de fertilizantes, farmacêutico, construção naval, tecnologias digitais e segurança cibernética. Na agricultura, concordaram em ampliar o intercâmbio comercial e científico, com foco em sementes, genética animal e educação agrícola.

Na área de ciência, tecnologia e inovação, os países se comprometeram a desenvolver projetos conjuntos em campos como inteligência artificial, biotecnologia, tecnologias quânticas, estudos nucleares, pesquisa espacial e mudança do clima.

A cooperação energética foi tratada como prioridade, com destaque para transições energéticas justas, segurança energética e uso pacífico da energia nuclear, incluindo a produção de radioisótopos medicinais e projetos conjuntos de geração e combustível nuclear.

No plano internacional, Brasil e Rússia defenderam a centralidade da ONU, a solução pacífica de controvérsias e a reforma do Conselho de Segurança para torná-lo mais representativo — com apoio russo à candidatura brasileira a membro permanente.

Os países também reafirmaram a importância do Brics e do G20, pediram reformas nas instituições financeiras internacionais e reiteraram oposição a medidas coercitivas unilaterais contra países em desenvolvimento.

Ambos destacaram compromisso com a Agenda 2030 e avaliaram positivamente os resultados da COP30, realizada em Belém, incluindo iniciativas de financiamento climático e conservação de florestas tropicais.

Por fim, concordaram em manter a cooperação em temas de segurança internacional, como a não proliferação nuclear, a proibição de armas biológicas e a prevenção de uma corrida armamentista no espaço. A próxima reunião da Comissão Brasileiro-Russa de Alto Nível de Cooperação foi agendada para Moscou, em data a ser definida por via diplomática.

Vendas caem 1%

» RAPHAEL PATI

O ano de 2026 começou mais fraco para o comércio exterior brasileiro. Tanto as importações quanto as exportações apresentaram queda em janeiro quando comparadas com o mesmo mês do ano anterior. Dados publicados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), ontem, mostram que as empresas brasileiras exportaram o equivalente a US\$ 25,2 bilhões no período, ao mesmo tempo em que importaram US\$ 20,8 bilhões.

Com os resultados, as exportações recrudesceram 1% em janeiro de 2025 ante o mesmo mês do ano anterior, ao passo que as importações caíram 9,8%. Diante disso, o saldo final da balança comercial foi positivo em US\$ 4,3 bilhões e cresceu 85,8% no período. Já a corrente de comércio, que representa a soma de importações e exportações, recuou 5,1% e atingiu US\$ 46 bilhões.

A queda mais forte das importações no primeiro mês do ano se deve principalmente ao setor de bens intermediários, que apresentou um resultado 15% inferior ao registrado em janeiro de 2025. Além disso, também contribuiu para esse resultado a aquisição menor de combustíveis, que caiu 21,5% no mesmo período, passando de US\$ 2,4 bilhões para US\$ 1,9 bilhões.

Já em relação às exportações, as maiores quedas vieram da indústria extrativa, com destaque para óleos brutos de petróleo (-7,8%) e minério de ferro e seus concentrados (-8,6%). Por outro lado, as vendas de soja cresceram mais de 90% e atingiram US\$ 831 milhões no mesmo período, em virtude de uma safra mais forte no início deste ano.